

CREPÚSCULO: Tensão, amor e morte na passagem de menina à mulher

Crepúsculo, o best seller da escritora americana Stephanie Meyer, com mais de 45 milhões de exemplares, vendidos em 37 países e adaptado para o cinema com o mesmo título, promete ser um fenômeno de sucesso com o público adolescente, semelhante ao de *Harry Potter*, o menino bruxo que despertou o prazer da leitura nos púberes de todo o planeta.

A saga, contada em 4 volumes, relata as vicissitudes de *Isabella Swan*, uma adolescente contemporânea que, como rege as configurações de seu tempo, é oriunda de um casal de pais separados e que deixa a ensolarada cidade onde vivia com a mãe, para passar uns tempos na casa de seu pai, na sombria e provinciana cidade de Forks. A narrativa é guiada pelas impressões e sensações da moça, que vive a difícil tarefa de aproximar-se de seu pai, com quem tinha pouca intimidade, dado o escasso tempo de convivência, além de adaptar-se a uma nova cidade, nova escola e novos amigos. E é no ambiente escolar onde acaba aproximando-se e apaixonando-se pelo estranho e cativante colega *Edward Cullen*, quem Bella (como gostava de ser chamada) acaba descobrindo ser um vampiro, assim como o grupo com quem o rapaz vivia, em uma transparente e arquitetonicamente arrojada casa, no interior da úmida floresta. Interessados em conviver pacificamente com os humanos, faziam-se passar por uma família normal, indo à escola e participando da comunidade local. Em contrapartida, esse tipo de relação com as pessoas requeria um violento refreamento do impulso vampiresco de chupar sangue humano. Regidos por uma ética inquebrantável, que condenava tais atos monstruosos, o grupo de vampiros tratava de manter-se na linha, alimentando-se apenas do sangue de animais. Por isso, consideravam-se *vegetarianos* e diferenciavam-se de outros vampiros, com critérios éticos menos evoluídos, incapazes de dispensar o prazer orgástico do sangue de seres humanos.

Meu interesse em escrever sobre essa história reside na interrogação: em que clave atávica e vital tocou Meyer para gerar tanta repercussão, sobretudo no público adolescente do sexo feminino?

Começemos com a identificação das jovens com a protagonista: uma perfeita adolescente do nosso tempo, filha de pais separados, que não se entende bem em seu próprio corpo, recém modificado pelo crescimento, que a leva a cair e derrubar coisas frequentemente.

Bella está descobrindo-se mulher na paixão pelo vampiro Edward. Entretanto, não nos deve passar despercebido onde e quando tal processo encontra sua máxima expressão. É na cidade do pai e, precisamente, quando passa a conviver com ele. Assim como muitas adolescentes de hoje, Bella cresceu longe do progenitor, sem ter podido vivenciar plenamente as vicissitudes de seu desenvolvimento psicosssexual, na intimidade de um vínculo provocado, mas também protegido por uma configuração triangular. As fantasias edípicas, que teimam em retornar na adolescência, buscando novas reacomodações, então o fazem com toda a truculência pulsional do corpo já atravessado pela explosão hormonal. Nesse momento, encontram Bella desamparada, sozinha na sombria e assustadora cidade do pai, metáfora de sua exposição ao mundo masculino, tão atraente e perigoso, do qual esteve, de certa forma, alijada, mas que agora é todo seu. Sem a presença da mãe para tranquilizá-la quanto à efetivação de suas fantasias, vivencia essa aproximação ao pai de forma especialmente assustadora. Por isso, entendo o desejo, a proibição e o temor constantes no vínculo com o “jovem” vampiro como um deslocamento das fantasias incestuosas em relação ao seu primeiro objeto amoroso. O amor incestuoso pelo pai, que ganha nova vida e vigor numa figura exogâmica, no entanto, mantém toda a pesada carga de desejo, medo e proibição do objeto original.

A transformação da menina em mulher, em toda a mitologia, assim como nas fábulas está circundada pela relação com o monstro. A entrega ao homem talvez seja sempre uma entrega ao monstro, graças ao conteúdo edípico, cuja essência fantasmática, parricida e incestuosa, naquele

resto resiliente à sublimação, é sempre anunciadora da tragédia inconsciente que assombra nosso mundo interno.

Eros e Psiqué, o mito que consagra o amor, relata tal vicissitude vividamente. A princesa, de divina beleza, rejeitada pelos mortais que se punham a adorá-la como deusa e por ordem de uma irada Afrodite, foi abandonada por sua família no alto de um rochedo para ser desposada por um monstro. Ao invés disso, é conduzida a um palácio onde é possuída às escuras pelo próprio Eros, já apaixonado por ela. Durante o tempo em que desfrutou das noites com esse ser misterioso, que a amava na escuridão, era assolada por dúvidas inquietantes sobre a identidade de seu amante invisível. Seria ele um terrível monstro que terminaria por matá-la?

Junito de Souza Brandão (“Mitologia Grega”, vol. II) interpreta a entrega ao monstro/homem/hostil, por parte mulher nubente, através da imagem das “núpcias de morte”, assim chamadas porque marcam uma ruptura dolorosa e sem retorno, que é a separação da mãe. A aproximação do macho, que vem a cortar essa “relação primordial de identidade entre filha e mãe” (p. 223) é sempre um “mistério de morte” (p. 223), que em épocas de antanho se relatava no rapto da mulher desejada e na tentativa de fuga por esta. Na atualidade, tais fantasias se mantêm vivas no ritual do atraso calculado a chegar ao local do casamento, por parte da noiva, assim como na condução desta, carregada em braços pelo marido, ao cômodo onde se consumará o matrimônio.

O nome da protagonista de *Crepúsculo* constitui clara alusão à heroína da fábula *A Bela e a Fera*. Também nessa história infantil, assim como em outras em que a princesa se encontra às voltas com um viscoso sapo, estamos frente à essa concepção dual do masculino, que se dobra entre o repugnante, monstruoso e assustador e o belo, divino e protetor.

E as semelhanças entre o mito, a fábula e o romance da adolescente com o vampiro não terminam aí. Assim como Eros, Edward é dono de uma beleza descomunal, voa, tem a força de um deus e poderes sobrenaturais, como ler os pensamentos das pessoas. Enfim, é uma figura que contém em sua plenitude o paradoxo do deus/monstro.

A obra de Stephanie Meyer é o relato metafórico por excelência das tensões da adolescência.

A figura dos vampiros relata todo o sentimento de estranheza sobre si e o mundo que acomete o adolescente. Além disso, essa figura aflita, que tem que refrear seu mais violento desejo, que é sugar o sangue dos homens até extinguir-lhes a vida, em prol de viver entre os humanos, presta-se com perfeição para traduzir o drama adolescente. Sacudido pelas pulsões e sem a capacidade simbólica desenvolvida a ponto de dar-lhes encaminhamento pela via psíquica, o sofrimento e a descarga direta através do ato são destinos comuns, quando falha o recalçamento. A turbulência hormonal que o arranca da infância e lhe dá um corpo de adulto, com forma, cheiros, pêlos e sensações dos quais ainda não conseguiu apropriar-se por meio das devidas representações, mergulha-o numa angústia oceânica. Tal desamparo e fragilidade muitas vezes pedem compensações através de fantasias de onipotência, que costumam ser facilitadas pelo uso de drogas. Nesse sentido, os vampiros são também um símbolo compensatório da fragilidade adolescente, já que são belos, fortes, ricos e poderosos.

Outro aspecto interessante em Edward é que, como vampiro, tem na oralidade canibalística seu mais caro prazer. No entanto, o convite emanado de Bella o enfrenta com o desejo de possuí-la genitalmente, situação excludente com o impulso vampiresco. Sempre dividido entre o desejo de comê-la, no sentido canibalístico e o de fazê-la mulher, a perturbada criatura luta com seus mais íntimos e poderosos instintos. O drama do protagonista é a própria metáfora do

crescimento, vivenciado pelos adolescentes que, situados em um período da vida no qual, para obter as mais plenas possibilidades genitais, vêm-se compelidos, não sem dor, a revisitar e consagrar o abandono de formas mais arcaicas de satisfação, processo já implementado durante o trânsito pelo complexo de Édipo.

No mito de *Eros e Psiqué*, assim como na fábula da *Bela e da Fera* e também na saga de Bella e Edward, encontramos-nos com o processo do crescimento relatado na transformação da menina em mulher através do encontro com o verdadeiro amor.

Nossas heroínas devem expor-se aos mais terríveis perigos, na busca do amor pelo homem/monstro. Psiqué foi ter com Afrodite, a sogra maldita e invejosa (a mãe má), metáfora do mergulho no feminino (sobretudo relatada na última prova em que tem que interiorizar-se no inferno de Hades para dali trazer o creme da beleza eterna de Perséfone) e enfrentou suas temíveis provas para recuperar o amor de Eros. A Bela da fábula foi viver com a Fera até domar o seu próprio medo e sentir-se capaz de desfrutar do amor por um homem, mágica que se realiza na história.

E a Bella Swan de Meyer? Para começar, prestemos atenção ao seu sobrenome: *Swan*. Em inglês, significa *cisne*, alusão à transformação do patinho em cisne/mulher. O amor pelo irresistível vampiro a transforma em mulher. No entanto, assim como Psiqué, Bella tem que enfrentar terríveis perigos, como a aproximação da família de Edward, todos vampiros e desejosos de sugar até a última gota do seu sangue.

Ela e seu amor vampiro embrenham-se na floresta juntos, interiorizam-se um no outro, um conhecendo profundamente o mundo do outro, enfrentando os perigos inerentes ao amor pelo diferente, pelo outro.

Por isso o difícil exercício do amor sempre enseja perigos, nos conhecemos intimamente quando amamos, nos enfrentamos com nossos próprios monstros ao entregar-nos ao monstro/homem/amado. O amor verdadeiro é exatamente essa perigosa e inquietante migração ao outro. E o outro nos diz sobre nós mesmos de uma forma que nunca havíamos escutado antes. Amar o outro é, literalmente, amar menos a si mesmo, entregar-se, como Psiqué ao sacrifício do *eu* pelo *nós*. Sair do mundo narcísico e familiar da infância, com as dores do crescimento, para a insegurança do exogâmico, altruísta e verdadeiro amor.

Acredito que essa é a chave que toca Stephanie Meyer, mexendo no fundo da alma feminina...

HELENA ARDAIZ SURREAUX

Psicanalista, membro docente e supervisora da Sigmund Freud Associação Psicanalítica